



A Santa Sé

PAPA JOÃO PAULO II

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 12 de Janeiro de 1983

O sacrifício esponsal da Aliança aplicado ao sacramento do matrimónio

1. Analisamos agora a sacramentalidade do matrimónio sob o aspecto de sinal.

Quando afirmamos que na estrutura do matrimónio como sinal sacramental, entra essencialmente também a "linguagem do corpo", fazemos referência à longa tradição bíblica. Esta tem a sua origem no Livro do Génesis (sobretudo 2, 23-25) e encontra a sua definitiva coroação na Epístola aos Efésios (cf. *Ef.* 5, 21-33). Os Profetas do Antigo Testamento tiveram um papel essencial no formar esta tradição. Analisando os textos de Isaías, Ezequiel, Deutero-Isaías, e de outros Profetas, encontramos-nos no caminho daquela grande analogia, cuja expressão última é a proclamação da Nova Aliança sob forma de esponsais entre Cristo e a Igreja (cf. *ibid.*). Com base nesta longa tradição, é possível falar de um específico "profetismo do corpo" quer pelo facto de encontrarmos esta analogia antes de tudo nos Profetas, quer pelo que se refere ao conteúdo mesmo dela. Aqui, o "profetismo do corpo" significa precisamente a "linguagem do corpo".

2. A analogia parece ter dois estratos. No primeiro estrato fundamental, os Profetas apresentam a comparação da Aliança, estabelecida entre Deus e Israel, como um matrimónio (o que nos permitirá ainda compreender o matrimónio mesmo como aliança entre marido e mulher) (1). Neste caso, a Aliança deriva da iniciativa de Deus, Senhor de Israel. O facto de que, como Criador e Senhor, Ele contrai aliança primeiro com Abraão e depois com Moisés, atesta já uma eleição particular. E por isso os Profetas, pressupondo todo o conteúdo jurídico-moral da Aliança, vão mais em profundidade, revelando-lhe uma dimensão incomparavelmente mais profunda do que a do "pacto" apenas. Deus, escolhendo Israel, uniu-Se com o seu povo mediante o amor e a graça. Ligou-Se com vínculo particular, profundamente pessoal, e portanto Israel, embora seja um

povo, é apresentado nesta visão profética da Aliança como "esposa" ou "mulher", por conseguinte, em certo sentido, como pessoa:

"... o teu esposo é o teu Criador / que Se chama o Senhor dos exércitos; / O teu Redentor é o Santo de Israel, / chama-Se o Deus de toda a terra. / ..Diz o Senhor teu Deus. / ... O Meu amor jamais se apartará de ti, / e a Minha aliança de paz não se mudará" (*Is. 54, 5. 6. 10*).

3. Javé é o Senhor de Israel, mas tornou-se também o seu Esposo. Os livros do Antigo Testamento atestam a completa originalidade do "domínio" de Javé sobre o seu povo. Aos outros aspectos do domínio de Javé, Senhor da Aliança e Pai de Israel, acrescenta-se um novo revelado pelos Profetas, isto é, a dimensão estupenda deste "domínio", que é a dimensão sponsal. De tal modo, o absoluto do domínio torna-se o absoluto do amor. Em relação a tal absoluto, a ruptura da Aliança significa não só a infracção do "pacto" relacionada com a autoridade do supremo Legislador, mas também a infidelidade e a traição: é um golpe que sem dúvida trespassa o seu coração de Pai, de Esposo e de Senhor.

4. Se, na analogia usada pelos Profetas se pode falar de estratos, este é em certo sentido o estrato primeiro e fundamental. Dado que a Aliança de Javé com Israel tem o carácter de vínculo sponsal à semelhança do pacto conjugal, aquele primeiro estrato da analogia desvela-lhe o segundo, que é precisamente a "linguagem do corpo". Temos aqui em mente, em primeiro lugar, a linguagem em sentido objectivo: os Profetas comparam a Aliança ao matrimónio, referem-se àquele sacramento primordial de que fala Génesis 2, 24, em que o homem e a mulher se tornam, por livre escolha, "uma só carne". Todavia, é característico do modo de exprimir-se dos Profetas o facto que, supondo a "linguagem do corpo" em sentido objectivo, eles passam, ao mesmo tempo, ao seu significado subjectivo: isto é, consentem, por assim dizer, que o corpo mesmo fale. Nos textos proféticos da Aliança, com base na analogia da união sponsal dos cônjuges, é o corpo mesmo que "fala"; fala com a sua masculinidade ou feminilidade, fala com a misteriosa linguagem do dom pessoal, fala enfim — e isto acontece com mais frequência — quer com a linguagem da fidelidade ou seja do amor, quer com a da infidelidade conjugal, ou seja do "adultério".

5. Sabe-se que foram os diversos pecados do povo eleito — e sobretudo as infidelidades frequentes relativas ao culto do Deus único, isto é, várias formas de idolatria — a oferecer aos Profetas ocasião para os mencionados enunciados. O Profeta do "adultério" de Israel tornou-se de modo especial Oséias, que o condena não só com as palavras, mas, em certo sentido, também com actos de significado simbólico: "vai, toma por mulher uma prostituta, e gera filhos de prostituição, porque a nação não cessa de se prostituir, afastando-se do Senhor" (*Os. 1, 2*). Oséias põe em relevo todo o esplendor da Aliança — daqueles sponsais em que Javé se demonstra esposo-cônjuge sensível, afectuoso, disposto a perdoar, e ao mesmo tempo exigente e severo. O "adultério" e a "prostituição" de Israel constituem um evidente contraste com o vínculo sponsal, em que é baseada a Aliança, como também, analogamente, o matrimónio do homem com a mulher.

6. Ezequiel condena de modo análogo a idolatria, servindo-se do símbolo do adultério de Jerusalém (cf. *Ez.* 16) e, noutra passagem, de Jerusalém e de Samaria (cf. *Ez.* 23): "E passando junto de ti, vi que era a tua idade, a idade das paixões. ... ligando-Me a ti por juramento — oráculo do Senhor Deus — e tu Me pertenceste (*Ez.* 16, 8). "Mas confiaste em tua beleza, serviste-te da tua reputação para te prostituíres e ofereceste as tuas devassidões a todo quanto passava" (*Ez.* 16, 15).

7. Nos textos proféticos, o corpo humano fala uma "linguagem", de que ele não é o autor. O seu autor é o homem enquanto varão ou mulher, enquanto esposo ou esposa — o homem com a sua perene vocação para a comunhão das pessoas. O homem, todavia, não é capaz, em certo sentido, de exprimir sem corpo esta linguagem singular da sua existência pessoal e da sua vocação. Ele foi constituído de tal modo já desde o "princípio", que as mais profundas palavras do espírito: palavras de amor, de entrega, de fidelidade — exigem uma adequada "linguagem do corpo". E sem ela não podem ser plenamente expressas. Sabemos pelo Evangelho que isto se refere quer ao matrimónio quer à continência "por amor do Reino dos céus".

8. Os Profetas, como inspirados porta-vozes da Aliança de Javé com Israel, procuram justamente, mediante esta "linguagem do corpo", exprimir quer a profundidade sponsal da referida Aliança, quer tudo o que a contradiz. Elogiam a fidelidade, condenam pelo contrário a infidelidade como "adultério" — falam portanto segundo categorias éticas, contrapondo reciprocamente o bem e o mal moral. A contraposição do bem e do mal é essencial para o *ethos*. Os textos proféticos têm neste campo um significado essencial, como já salientámos nas nossas precedentes reflexões. Parece, contudo, que a "linguagem do corpo" segundo os Profetas não é unicamente uma linguagem do *ethos*, um elogio da fidelidade e da pureza, além de uma condenação do "adultério" e da "prostituição". De facto, para cada linguagem, como expressão do conhecimento, as categorias da verdade e da não-verdade (ou seja do falso) são essenciais. Nos textos dos Profetas, que divisam a analogia da Aliança de Javé com Israel no matrimónio, o corpo diz a verdade mediante a fidelidade e o amor conjugal, e, quando comete "adultério", diz a mentira, comete a falsidade.

9. Não se trata aqui de substituir as diferenciações éticas com as lógicas. Se os textos proféticos indicam a fidelidade conjugal e a castidade como "verdades", e o adultério, ao contrário, ou a prostituição, como não-verdades, como "falsidades" da linguagem do corpo, isto acontece porque no primeiro caso o sujeito (= Israel como esposa) é concorde com o significado sponsal que corresponde ao corpo humano (em consequência da sua masculinidade ou feminilidade) na estrutura integral da pessoa; no segundo caso, pelo contrário, o mesmo sujeito está em contradição e colisão com este significado.

Podemos pois dizer que o essencial para o matrimónio como sacramento é a "linguagem do corpo", relida na verdade. Precisamente mediante ela se constitui de facto o sinal sacramental.

1) Cf. *Prov* 2, 17; *MI* 2, 14

Oração à Rainha da Polónia / 45

Mãe de Jasna Góra e Rainha da Polónia!

Encontramo-nos no início do ano novo. Diante de nós abre-se um novo período de tempo, que é contemporaneamente dado e conferido como tarefa a cada homem.

Na Igreja Universal desejamos, no decurso deste ano, abrir-nos para o extraordinário Jubileu de nossa Redenção. Desejamos de modo particular acolher tudo o que o Pai Eterno ofereceu à humanidade em Cristo, Teu Filho.

Na terra polaca perdura ainda o Jubileu do sexcentésimo aniversário da Tua Materna presença na *Efígie di Jasna Góra*. Isto constitui, ao mesmo tempo, uma particular introdução ao Jubileu da Redenção.

No início deste ano não posso deixar de pensar na minha visita à Polónia ligada ao aniversário de Jasna Góra.

Mais de uma vez já me referi a este tema.

Sei também que estão a realizar-se os devidos preparativos, pelos quais exprimo apreço e gratidão.

Todavia, ao preparar no meu coração esta visita, desejo sobretudo que ela seja guiada por Ti, ó Mãe! Que somente Tu a disponhas. A Ti confio se e como deva ela realizar-se.

Tu, ó Mãe — somente Tu — podes fazer florescer dela o justo bem! Este bem que "tanto desejo para» Igreja, para a minha Pátria e para todos os homens!

